

“DISCURSOS DE ESTUDANTES DO PIBID SOBRE A DOCÊNCIA EM FÍSICA E SUAS RELAÇÕES COM QUESTÕES DE GÊNERO”

Ribbyson José de Farias Silva
Docente da Escola Professora Maria Ana
ribbyson@gmail.com

Anna Luiza A. R. Martins de Oliveira
Núcleo de Formação Docente – UFPE/CAA
alarmo@uol.com.br

GT9- Inclusão, Relações de Gênero e Diversidade Sexual.
Modalidade de Apresentação: Comunicação Oral

RESUMO

Nos últimos anos, no campo educacional, percebemos um investimento nos estudos em torno da “equidade de gêneros”. Porém, quando trazemos essa discussão para o campo das ciências exatas, em especial da Física, poucos registros são encontrados na literatura. Estes fatos ressaltam a necessidade de pesquisas que aprofundem o conhecimento sobre esta questão. Neste trabalho tivemos como objetivo **conhecer os discursos de estudantes de licenciatura em física sobre a docência e analisar suas inter-relações com questões de gênero**. O corpus foi constituído por transcrições de entrevistas do tipo semiestruturada, com 10 estudantes do Programa de Iniciação a Docência – PIBID, de um curso de Licenciatura em Física. A análise de dados desenvolvida teve caráter exploratório e descritivo. Segundo Gil (1999) a pesquisa exploratória é desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma visão geral e aproximativa do fenômeno estudado. Durante a pesquisa desenvolvemos diálogos iniciais com a teoria do discurso de Laclau e Mouffe (2001). Como resultado da análise podemos constatar que apesar do crescente número de profissionais mulheres na educação básica, a docência em física ainda é vista como um campo de atuação masculina, onde persistem preconceitos e práticas associadas às relações de dominação de gênero masculino.

Palavras-chaves: Discurso-Docência em Física-Gênero

RESUMEN

En los últimos años, el campo de la educación, nos damos cuenta de una inversión en los estudios en torno a la "equidad de género". Sin embargo, cuando traemos esta discusión al campo de las ciencias exactas, en particular en la física, algunos registros se encuentran en la literatura. Estos hechos ponen de relieve la necesidad de que la investigación que promueve la comprensión de este problema. En este trabajo nos propusimos conocer los discursos sobre las interrelaciones entre el género y la enseñanza de la física. El corpus formado por las transcripciones de las entrevistas semi-estructuradas de tipo, con 10 estudiantes de Iniciación al Programa de Enseñanza - PIBID, una Licenciatura en Física. El análisis de datos desarrollado fue exploratorio y descriptivo. Según Gil (1999) la investigación exploratoria se lleva a cabo con el objetivo de proporcionar una visión general y aproximada del fenómeno estudiado. Durante la investigación que hemos desarrollado diálogos iniciais



con la teoría del discurso de Laclau y Mouffe (2001) . Como resultado del análisis , podemos ver que a pesar del creciente número de mujeres profesionales en la educación básica en la enseñanza de la física aún es visto como un campo masculino de esfuerzo donde la persistencia de los prejuicios y las prácticas asociadas con las relaciones de dominación de los hombres que parecen obstaculizar el acceso y la inclusión de las mujeres.

Palabras-clave: Discurso - Enseñanza en Física – Género

Introdução

Nos últimos anos, a discussão sobre gênero¹ passou a ser tema de interesse nas pesquisas e análises em diversas áreas das ciências humanas e sociais. Porém, quando trazemos esse debate para o campo das ciências exatas, em especial da Física, poucos registros são encontrados na literatura. Segundo Louro (1997) o gênero emerge da dinâmica social a partir das relações das práticas e das instituições. A escola, como instituição formadora, é o espaço que participa da construção do ser humano e, conseqüentemente, de sua identidade de gênero, o que a torna um espaço generificado [...] atravessado pelas representações de gênero (p.77). É muito comum, por exemplo, se associar comportamentos, roupas, sentimentos, profissões, ao gênero masculino e ao feminino. Na universidade essa dicotomia ainda sobressai e, cotidianamente, verificamos que alguns profissionais ainda acham que existem cursos destinados a cada gênero. Tradicionalmente, inclusive, atribui-se a área de exatas ao gênero masculino e a de humanas ao feminino. Dessa forma, acreditamos que é relevante explorarmos em nosso estudo as relações entre a docência em física e o gênero.

No Brasil, apesar de ser verificado, um período de transição, entre o período colonial, onde a docência foi marcada por um perfil masculino, e o período do liberalismo, onde foi implantada uma educação moderna levando, posteriormente, a uma feminização da docência, isso, historicamente, acontece em ritmo muito lento no campo da Física, pois o mesmo é tido como excessivamente masculino, o que leva os/as alunos(as) a terem docentes, em

¹ Neste estudo buscamos, apenas, conhecer as relações da docência em física e do binarismo de gênero “feminino” e “masculino”. Estudos posteriores pretende-se fazer esta relação com as diferentes identidades de gênero (p. e. as pessoas LGBT).



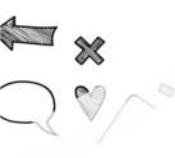
sua maioria, do sexo masculino e indica uma baixa participação da mulher no quadro profissional da referida área de conhecimento.


Há, também, um discurso recorrente dentro desta área de que a Física é para poucos, é para os inteligentes, que os homens se destacam, por possuírem um privilégio no raciocínio, por serem bons na ferramenta mais utilizada no ensino desta área, que é a matemática e também por essa ciência ter um caráter “duro”. Isso acaba fortalecendo os mitos existentes no que se refere à atuação da mulher na docência da Física, bem como na construção do conhecimento físico. Ao se tornar professora de Física, a mesma tem que adotar uma postura rígida, para poder se enquadrar neste perfil docente, hábito tradicionalmente atribuído e assumido pelos homens.

Portanto, parece que apesar de terem sido produzidos diversos estudos sobre a inserção da mulher na docência no campo das ciências exatas, ainda é comum vermos um maior número de profissionais homens nessa área. Isto é realçado por Tabak (2002) ao elucidar que mesmo quando o ingresso de mulheres foi estatisticamente igual ou maior ao ingresso de homens na educação superior, ainda era notória a ausência do público feminino nas ciências exatas, naturais e na área tecnológica. Um estudo realizado pela Organização das Nações Unidas (UNESCO), em 2007, no Brasil, constatou-se que a distribuição por sexo nas ciências dura (física, matemática e engenharia), constatou-se que existem, ainda, uma maior percentagem de homens atuantes nas profissões de Ciência e Tecnologia, sejam eles profissionais ou técnicos/as. Os dados do PNAD (2008) mostram que cerca de 82% desses profissionais são do sexo masculino e, apenas, 19% são do sexo feminino. Na atuação técnica, 11% são do sexo feminino e 89% são do sexo masculino. A partir destes dados, a UNESCO, vem motivando estudos e promovendo políticas sociais, visando à igualdade de gênero nesta área.

O principal objetivo deste trabalho, portanto, **é conhecer os discursos de estudantes de licenciatura em física sobre a docência e analisar suas inter-relações com questões de gênero.**

Ao falarmos sobre a formação inicial de licenciados, devemos pensar e refletir sobre o campo pedagógico estudado, e apesar do recorte de gênero ter um





papel importante na (des/re)construção do conhecimento sobre os aspectos da docência e das desigualdades que às vezes são silenciadas, desmistificando alguns mitos tradicionalmente existentes, **ainda são escassas as discussões desta temática nos currículos desses profissionais da educação. Além disso, são restritos os estudos que articulam reflexões sobre gênero e docência no campo das ciências exatas, o que deixa evidente a necessidade de pesquisas nessa área.**

Metodologia


Este estudo é de cunho qualitativo. Neste tipo de pesquisa leva-se em consideração a existência das relações dinâmicas existentes entre o sujeito e o mundo em que vivemos. O que significa dizermos que existe um elo entre mundo objetivo e o lado subjetivo do sujeito, que não podem ser transcritos, apenas, em dados estatísticos. Na pesquisa qualitativa o ser humano, não pode reduzir-se a número, a quantidade e/ou esquema generalizado (MARTINS, BICUDO, 1989).

De acordo, com Garnica (2004), o estudo qualitativo, apresenta as seguintes características:

(a) a transitoriedade de seus resultados; (b) a impossibilidade de uma hipótese a priori, cujo objetivo da pesquisa será comprovar ou refutar; (c) a não neutralidade do pesquisador que, no processo interpretativo, vale-se de suas perspectivas e filtros vivenciais prévios dos quais não consegue se desvencilhar; (d) que a constituição de suas compreensões dá-se não como resultado, mas numa trajetória em que essas mesmas compreensões e também os meios de obtê-las podem ser (re)configuradas; e (e) a impossibilidade de estabelecer regulamentações, em procedimentos sistemáticos, prévios, estáticos e generalistas (GARNICA, 2004, p. 86).

Para alcançar os objetivos almejados, o corpus deste estudo foi constituído por transcrições de entrevistas do tipo semiestruturada, com 10 estudantes que fizeram parte do Programa de Iniciação a Docência – PIBID em Física no campus da UFPE, em Caruaru.

De acordo com Ludke e André (1986, p. 34), a entrevista do tipo **semiestruturada se desenrola a partir de um roteiro básico de perguntas**, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações. É um contexto, semelhante à de uma conversa informal. A




entrevista ganha vida desde o início do encontro entre duas pessoas, porque se constrói, durante sua realização, o diálogo e a interação entre quem entrevista e o entrevistador (LUKDE; ANDRE,1986). O que facilita o entrevistador estar atento, não apenas, às respostas obtidas ao longo da conversa, mas em observar os gestos, expressões, sinais e entonações, partindo do ponto de vista que toda captação, enriquece a compreensão do que foi falado, cabendo ao entrevistador procurar a melhor forma de estimular o entrevistado, para obter mais informações. Os questionamentos feitos a partir da temática abordada deve seguir uma ordem lógica e psicológica, iniciando com perguntas mais simples e se tornando mais complexas.

Rampazzo (1946) nos diz que, a entrevista como técnica para coleta de dados apresenta algumas vantagens e limitações. As vantagens são: 1) que podem ser utilizadas com pessoas sem e com conhecimento, 2) o entrevistador tem maior flexibilidade para realizar, esclarecer, (re)formular as perguntas de diversas maneiras, 3) oferece diversas oportunidades para avaliar gestos, atitudes, condutas, 4) além de oportunizar a captura de elementos que não se encontram em artigos documentais, mas que sejam relevantes e significativos para a sociedade. As entrevistas foram registradas com o auxílio do MP3, e foram transcritas, a partir das recomendações de Marcushi (2003).

Análise dos resultados

Salientamos que a análise desenvolvida tem caráter exploratório e descritivo. Segundo Gil (1999) a pesquisa exploratória é desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma visão geral e aproximativa do fenômeno estudado, consiste numa primeira etapa de estudo com vistas a uma investigação futura mais ampla. Optamos por uma análise de dados descritiva (GIL, 1999), com foco principal na caracterização dos participantes da pesquisa e na exposição dos discursos, sobre as inter-relações entre o gênero e a docência em física, elaborados pelos/as alunos/as do curso de Licenciatura em Física do CAA. A pesquisa foi realizada entre dezembro/2013 e janeiro/2014.

Neste estudo, a idade dos/as participantes está entre vinte e vinte oito anos, sendo uma mulher a participante com maior idade. Dentre eles/as sete são do



gênero masculino e apenas três do feminino. Essa não presença do gênero feminino em cursos de Física **pode estar** associada ao fato, como ressalta Louro (1997), de que gênero emerge da dinâmica social a partir das relações das práticas e das instituições. A universidade, como instituição formadora, é um espaço generificado marcado por relações e representações de gênero. Desta forma, faz parte do cotidiano da mesma associar determinados comportamentos, sentimentos, profissões, ao gênero masculino ou ao feminino.

Foram abrangidas seis cidades do Agreste Pernambucano: Gravatá, Caruaru, Pesqueira, Jataúba, Bezerros e São Caetano, uma região da zona da Mata: Vitória de Santo Antão, além da região do Grande Recife. Nove dos/as entrevistados/as são solteiros e apenas um do sexo masculino é casado. As mulheres que participaram da entrevista se assumiram católicas, enquanto que dos sete homens participantes, dois afirmaram ser católicos, um evangélico, e quatro afirmaram não possuir religião definida. Ao serem questionados sobre qual período estão no curso, quatro dos estudantes apresentaram dúvidas sobre que período se encontrava devido ter tido alguma/s reprovação/ões. Dos alunos que afirmaram **estar** no nono período, um está cursando disciplinas do oitavo período. Outro aluno que se declarou do oitavo período relata que deveria está no nono, mas reprovou uma disciplina. A maioria dos participantes faz parte das duas primeiras turmas do curso, a partir da criação do curso e há apenas um aluno que está no quarto período.

Dos/as dez entrevistados/as, nove revelaram nunca ter tido uma professora mulher ministrando a disciplina de Física e reconhecem pouca quantidade de professoras de física se comparada com a quantidade de professores. Muitos dos participantes conseguem ver diferenças entre professores homens e professoras mulheres de física, apontando que as mulheres tem um/a relacionamento/postura mais flexível com seus alunos, bem como acreditam que a mulher possui mais preparação pedagógica em relação aos homens, relatam ainda que muitas vezes a mulher docente em física é mais desacreditada pelos alunos, com relação ao domínio do conteúdo, e que um



professor de física é mais seguro em sala de aula. Chamou a atenção a seguinte fala:

A4: não. (++) veja (4.0) existe”, as diferenças sempre existem (++) certo, é difícil/ não existe diferença no sentido de capacidade, no sentido de domínio, não, não existe diferença, a diferença que existe é: ME PARECE (++) me parece que as professoras mulheres (++) elas sabem dar mais aulas do que os professores homens ((risos)), (+++) me parece, (++) elas tem uma/ elas tem mais didática, elas tem mais(+) mais:: (+++) é:: sensibilidade com o aluno, me parece (+++) pelo ao menos eu acho que eu tive essa experiência aqui né, como o número é muito pequeno, eu não posso dizer que' de fato existe uma diferença entre um professor e uma professora.

No discurso produzido por A4 ela diz que em termos de conhecimento específico não vê diferença, porém quanto ao conhecimento pedagógico, o mesmo percebe que as professoras possuem/conseguem transmitir mais facilmente os conteúdos abordados. Ao relatar que parece que as professoras são mais sensíveis aos alunos, ou seja, buscam conhecer mais seu aluno, isto reforça as diferenças de gênero na profissão docente e, dessa forma, qualifica a mulher para exercer o magistério, pois estariam apenas reproduzindo seu papel de social de mãe, que cuida e cativa, que foi sendo construído socialmente ao longo do tempo. Podemos nos remeter aos escritos de Louro (1998, p.97) quando ela diz que as professoras são compreendidas como mães espirituais - cada aluno ou aluna deve ser percebido/a como seu próprio filho ou filha.

Questionados se já haviam escutado discriminação sobre atuação da mulher na docência em física. Sete afirmaram que já tinham outro/a disse ter sido o/a próprio/a o autor/a de tal ato. Vejamos a fala do outro aluno/a que afirmou “não ter escutado nenhum tipo de preconceito:

E: Você já percebeu ou ouviu dizer algum tipo de discriminação no seu cotidiano em relação a atuação da mulher na docência em Física?

A6: (++) não (++) não.

E: (++) nem uma piada nem algo do tipo?

A6: não”. Agora o que eu escuto muito (+) é que:: (+) as pessoas falam que: (+) os homens são mais para área de exatas e as mulheres para área de humanas, mas acho que é só balela.

Podemos perceber na fala de A6 que mesmo dizendo nunca ter ouvido ou percebido nenhum tipo de discriminação na atuação da mulher como professora de física, e reafirmando isto, no decorrer do seu discurso o mesmo fala o que eu escuto muito (+) é que:: (+) as pessoas falam que: (+) os





homens são mais para área de exatas e as mulheres para área de humana, nessa fala o mesmo desconsidera que esse tipo de comentário seja uma forma de discriminação sobre a docente em física.

Os/as participantes disseram que uma boa professora de física devem ter os mesmos atributos que os professores homens, ou seja, devem ter domínio de conteúdo e de sala de aula, estar atenta às condições sociais e as limitações da aprendizagem dos/as alunos/as, construir um bom relacionamento com os/as alunos/as e saber avaliar.


A7: [...] é:: porque é difícil viu SER PROFESSOR é difícil, e PROFESSORA é mais difícil ainda, porque:: (+) as vezes o homem tem mais autoridade dentro da sala do que uma::/ as vezes eles respeitam mais um homem'(+) do que uma mulher entendeu', então a professora ela te que ter pulso firme", porque se deixa os estudantes entra muito com gracinha, principalmente porque é mulher(+), solta piadinha. um professor de matemática Everson ele dizia assim lá no cursinho, nunca vai deixar uma filha dele ser professora(++), ele disse EU JÁ SOFRO COM OS ALUNOS imagina uma filha minha, porque os alunos é que tiram liberdade mesmo, quando é mulher, mas acho que tem que ter o pulso firme", não: não confundir liberdade com falta de respeito.

No trecho acima A7 começa enfatizando a dificuldade de ser professor/a, logo após enfatiza a questão da autoridade na sala de aula. Percebermos uma forte ligação do/a mesmo/a com sua cultura de que a mulher por ser "meiga", "doce", talvez não consiga "controlar" seus alunos quando fala "então a professora ela te que ter pulso firme". O/A mesmo/a relata um desabafo de como seu professor enxerga a realidade no ambiente escolar.

Conclusão

O estudo mostra que há uma grande falta de professores/as **formados/as** em física na escola básica, pois dos/as dez entrevistados, apenas dois tiveram professores formados na área. Entre os/as participantes entrevistados/as, oito já atuaram/atuam no ensino básico, e ao discorrerem sobre as temáticas sempre utilizam-se de vivências pessoais e profissionais.

Ao tentarmos compreender e analisar como se processam as inter-relações entre gênero e docência em física, os resultados apontam que existem ainda discriminações de gênero como as concepções de que a mulher não sabe física como o homem, inclusive pelas próprias alunas do curso de física, em



relação a outras professoras. Mantendo assim o status quo de que o campo da física é majoritariamente masculino.

Alguns dos/as discentes entrevistados/as relatam que uma professora de física está mais preparada para lidar com as questões pedagógicas e relacionais com os alunos, porque elas conversam mais com os/as alunos/as e se aproximam mais vezes para saberem as dificuldades dos seus alunos. Enquanto que os professores homens são reconhecidos/as pelo seu comportamento rígido, capaz, sério e autoritário, e assumem posturas, às vezes intimidadoras para com seus alunos. A maioria reconhece o domínio masculino neste campo profissional e uma resistência por parte dos/as alunos/as em aceitar uma mulher ensinando física. Estas ideias são resultados de um processo de incorporação de mitos que permeiam a sociedade, sejam em ambientes familiares, escolares, religiosos, como também pelos meios de comunicação que define como deve ser o comportamento da mulher e do homem e qual lugar cada um pode/deve assumir na sociedade.

Referências

GARNICA, A. V. M. **História Oral e educação Matemática**. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE-PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- 200**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemony and Socialist Strategy: towards a radical democratic politics**. Londres: Verso, 2001.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**. 2ª Ed. Petrópolis, Vozes, 1998.
LOURO, G. L. **Gênero e magistério: identidade, história e representação**. In: CATANI, D. B. et al (Orgs.) **Docência memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.



MARCUSCHI, L. A. **A transcrição de conversações.** In: _____
Análise da Conversação. São Paulo: 2003.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia:**
fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica:** para alunos dos cursos de graduação
e pós-graduação. São Paulo: Loyola, 1946.

TABAK, F. **O laboratório de Pandora:** estudos sobre a ciência no feminino.
Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

UNESCO. **Science, technology and gender: an international report.** 2007
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001540/154027e.pdf>>. Acesso em: 05
set. 2013.

